

## O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM

Monique Sousa Feitoza Frota

*Universidade Estadual da Paraíba – monique@outlook.com.br*

Samara Fidelis de Medeiros

*Universidade Estadual da Paraíba – samara\_cats@hotmail.com*

Tatiana S'antana

*Universidade Estadual da Paraíba – tatianasanta@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo tem como principal objetivo relatar e analisar aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente aulas voltadas para o ensino de literatura, resultantes da observação do componente curricular Estágio Supervisionado I, a fim de verificar se nelas foram trabalhadas satisfatoriamente os textos literários, caso tenha ocorrido esse trabalho, e se foram realizadas atividades que possam estimular os alunos a realizarem uma leitura crítica e reflexiva das obras estudadas. Além disso, buscamos ainda analisar a forma como foi utilizado o livro didático por parte dos professores observados durante o estágio, se foi de maneira totalitária ou como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, usamos como principal fonte teórica Os Referenciais Curriculares para o ensino médio da Paraíba e dizemos nossa análise com base em três importantes critérios: O uso do livro didático; O trabalho com a obra literária; assim como as atividades realizadas. A partir das observações das aulas e das reflexões realizadas com base nos textos teóricos e nas discussões da disciplina de Estágio Supervisionado I, percebemos que os professores têm estado muito presos ao livro didático e que não têm dado a devida importância ao trabalho com o texto literário, se utilizando de atividades que acabam, na maioria das vezes, menosprezando o real sentido do texto literário em função de estudos gramaticais, reduzindo o estudo de literatura às características dos movimentos históricos das escolas literárias ou a uma bibliografia intensiva dos autores que pertencem a elas, fugindo assim do real propósito da aula de literatura que é o trabalho com a obra literária.

**Palavras-Chave:** Literatura; Estágio supervisionado I; Livro didático; atividades realizadas; texto literário.

### INTRODUÇÃO

“Voltado para uma historiografia excessivamente abrangente, geradora de uma abordagem que põe ênfase no decorar características de autores e estilos de época” (PARAÍBA, 2006, p.81), o ensino tradicional de literatura nas escolas não tem possibilitado a formação de leitores de textos literários e muito menos de leitores críticos. Algumas das causas dessa situação é a inserção nas escolas de livros didáticos que ainda seguem o padrão tradicional de ensinar literatura (sabe-se que em muitas escolas de ensino público e principalmente de ensino privado o uso do LD é obrigatório, assim como a sequência exata de seus conteúdos), como também a postura do professor como profissional em sala de aula, pois este muitas vezes por comodidade, ou até mesmo falta de tempo (geralmente um professor pra conseguir ter um salário razoável acaba ensinando em mais

turmas do que poderia dar conta) acaba usando o livro didático como único recurso.

Faz-se necessário, assim, que o professor promova a aproximação das obras literárias com os alunos, pois “o texto e o leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.83). É a partir desse contato que se iniciará a relação do aluno com a literatura, que pode ser tanto de deleite, questionamentos e curiosidades, como também uma relação de desprezo e mal-entendidos. Esse primeiro momento, se for trabalhado de maneira satisfatória, acabará ampliando o horizonte de leitura desse sujeito.

A partir dessas observações, faremos a análise e descrição de aulas de literatura, observadas durante estágio como atividade da disciplina *Estágio supervisionado I*, direcionadas a turmas de primeiro e segundo anos do ensino médio e ministradas por dois professores. Ao professor que ministra aulas nas turmas de primeiro ano daremos o nome de professor A, ao que ensina nas turmas de segundo ano daremos o nome de professor B.

A análise das aulas observadas será baseada em três critérios: 1- utilização do livro didático<sup>1</sup>; 2- trabalho com a obra literária; 3- Atividades realizadas. Sendo que tais critérios serão visualizados nas aulas de cada um dos professores anteriormente citados (professor A e professor B).

Dentre as oito turmas assistidas, para delimitarmos ainda mais nossa análise, selecionamos duas turmas para nossa avaliação: uma turma do segundo ano (2º E) e uma do primeiro ano (1º D) do ensino médio, tendo em vista que todas as turmas observadas têm muito em comum entre si, e as que foram selecionadas representam bem as especificidades das demais. Com essa análise, pretendemos mostrar como a literatura está sendo trabalhada em sala de aula, e como podemos melhorar e ampliar esse trabalho.

## **METODOLOGIA**

Observamos aulas de literatura em turmas de 1º e 2º ano de ensino médio, no turno da manhã, na Escola Estadual Dr Elpídio de Almeida. Observamos aulas de literatura em turmas de 1º e 2º ano de ensino médio, no turno da manhã, na Escola Estadual Dr Elpídio de Almeida. Nossa experiência ocorreu entre o período de fevereiro a abril de 2017 e o livro didático adotado pela turma é *Português Linguagens*, de Willian Cereja e Thereza Magalhães.

---

<sup>1</sup> Os livros didáticos usados pelos professores observados foi o *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, direcionados ao primeiro e segundo ano do ensino médio.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1- ANÁLISE DAS AULAS

#### 1.1- USO DO LIVRO DIDÁTICO

O Livro didático é um importante meio de ligação entre os alunos e o conteúdo trabalhado nas disciplinas. O professor precisa saber usá-lo e ao mesmo tempo adequá-lo às situações reais de comunicação, sempre atrelado ao cotidiano dos alunos. É papel dele, preencher as lacunas desse material, trazer novos textos e adaptá-los conforme a realidade da turma. Segundo Silva, no texto de Mendes e Souza (2008, p.173)

Servem pouco, portanto, os bons livros se o professor for apenas capaz de ler e escrever, como pensa a sociedade em geral, se o professor não o sabe usar, se o professor não consegue entender o modelo teórico em que se baseiam, os objetivos que perseguem. Se não é capaz de criticá-lo, de identificar suas falhas, de corrigi-las, se não é capaz de preencher as suas lacunas.

Sabendo disso, percebemos que os professores A e B não usaram o livro didático como um auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, mas como principal recurso e fonte de conhecimento. O professor A (professor das turmas de primeiro ano), apesar de fazer algumas reflexões interessantes com os alunos, como por exemplo, quando falou da tradição literária, presente na página 21 do LD, teceu alguns comentários a respeito da dificuldade da poesia entrar na escola. Mas, na maioria das vezes, fez uso exclusivo do livro didático e isso acabou tornando as aulas completamente teóricas. Ele ora lia os textos ou pedia que os alunos lessem alguns parágrafos em voz alta, pausando para explicação, ora pedia uma leitura silenciosa para depois retomar a explicação, sempre voltado para o LD. Deste modo, a aula acabou sendo cansativa tanto para o professor, como para os alunos, deixando-os dispersos e entediados.

Da mesma forma, o professor B também se manteve preso ao livro didático, usando perguntas e respostas prontas do mesmo. Quando dava início ao conteúdo ou passava alguma atividade, copiava na lousa o que já estava no livro. Os alunos reclamaram deste método, pois questionaram ao professor o motivo de copiar no caderno o que eles já tinham em seu material didático, não obtendo respostas. Outro problema recorrente referente ao apego do LD foi o excesso de “vistos” e correções de atividades do livro didático referentes a aulas anteriores, tais procedimentos tomavam boa parte do tempo das aulas e, na maioria das vezes, essas atividades não possuíam muita relevância. Por isso, as aulas acabaram se tornando monótonas, teóricas e extremamente curtas.

Esses professores poderiam sim se apropriar de algumas atividades e textos do livro didático, pois esse livro de Cereja e Magalhães traz atividades interessantes, e, além disso, é importante que os alunos façam também exercícios de fixação para sistematizarem o seu estudo. O problema foi o uso excessivo desse recurso, presente em todo momento nas aulas. Em relação ao professor A, por exemplo, partir do texto que o LD trazia sobre tradição literária para logo em seguida iniciar uma discussão seria bem mais interessante, mas ele inicia essa discussão e logo em seguida volta pra leitura. Já o professor B, poderia ter evitado a repetição de conteúdo na lousa e o excesso de atividades, aproveitando esse tempo para trazer e trabalhar um texto literário ou até mesmo usar aqueles que o livro didático trazia.

Diante de toda essa situação de apego ao LD, por parte dos professores, e da visível inquietude e dispersão dos alunos em relação a esse ensino, percebe-se que “acostumamo-nos a ver o livro didático sendo utilizado como principal, ou até mesmo o único material de estudo, o que deixa o ensino desgastante e sem criticidade para despertar a necessidade de aprender”. (BATISTA, 2011, p.14). Essa situação precisa mudar, é importante que esses profissionais passem a buscar outros materiais para complementar suas aulas e, no caso das aulas de literatura, que eles passem a trabalhar as obras literárias, que é o que trataremos no tópico a seguir.

## **1.2- TRABALHO COM A OBRA LITERÁRIA**

O estudo de literatura, sem dúvida alguma, deve partir da leitura das obras literárias, pois estas são de extrema importância tanto para o processo de aprendizagem do aluno quanto para a ampliação do seu horizonte de leitura e, conseqüentemente, de seu conhecimento de mundo. No entanto, a realização dessas leituras deve ser iniciada com cautela, partindo sempre daquelas que o alunado tem mais aproximação para, só assim, se acrescentar leituras que exijam maior teor de conhecimento e criticidade. E em hipótese alguma se deve priorizar as características históricas das escolas literárias e esquecer as próprias obras que as compõem, tendo em vista que é só através da leitura e do ato de produção/recepção que “a fusão de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a eles transferidas” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.83).

Uma proposta interessante, mas que ainda não está sendo usada nas escolas é a que traz os *Referenciais curriculares para ensino médio da Paraíba*,

Propõe-se uma inversão no modo como se apresentam os conteúdos do ensino médio. Ao

invés de iniciar os estudos literários por autores de 5 ou 6 séculos passados, iniciar com autores contemporâneos. Desse modo, propõe-se uma outra possibilidade de trabalhar detidamente obras literárias nas três séries do ensino médio, abandonando o estudo de meros fragmentos de obras, que é marca de nossos livros didáticos. Essa expectativa de trabalho favorece a formação de educandos-leitores-debatedores do texto literário e deverá estimular cada vez mais os professores a se tornarem também leitores de literatura. (PARAÍBA, 2006, p.83)

Pensando nisso e partindo para a análise das aulas assistidas, percebeu-se que os professores das turmas de 1º e 2º anos não priorizam o estudo do texto literário em suas aulas. O professor A iniciou a discussão de dois poemas: “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu e o poema “E com vocês a modernidade” de Antônio Casaco, porém essa discussão partiu de uma iniciativa do livro didático que trouxe, inclusive, o poema de Casimiro fragmentado. A partir da leitura desses textos, foram discutidas na sala questões como: o tema presente nos poemas (a saudade da infância e a saudade da adolescência, respectivamente); o fato de terem sido escritos em épocas diferentes; e a intertextualidade que o poema de Antônio Casaco (contemporâneo), mais recente, trazia em relação ao poema de Casimiro de Abreu (romântico). Nesse momento, o professor B é contestado por um aluno pelo fato de o poema “E com vocês a modernidade” não ser tão recente assim, pois seu escritor vivera na segunda metade do século XX, informação transmitida pelo próprio LD, e por isso trazia uma expressão como “choram cavaquinhos” que ele não conseguia reconhecer, mas o questionamento não foi comentado pelo professor.

Vimos, assim, que o aluno sentiu a necessidade de ver uma obra mais recente em comparação com a outra mais antiga, tendo em vista que o uso desses poemas tinha o intuito de trazer as distinções entre dois momentos literários, o romântico e o contemporâneo, o aluno quis visualizar um poema de sua atualidade, para assim compará-lo com outro, pois o poema de Antônio Casaco não ilustrava a sua realidade.

O professor poderia ter trazido o poema fragmentado na íntegra e uma opção de poema atual que apresentasse a mesma temática dos poemas vistos no livro didático (saudade da infância e da adolescência), como também poderia ter se apropriado dos questionamentos do aluno para indagar, não só a ele como a toda turma, como eles achavam que seria escrito um poema com esses temas na atualidade, como seria a escolha das palavras, o tom que esse poema poderia adquirir. Em seguida, poderia ser requisitada para a próxima aula que alguns deles trouxessem poemas atuais que falassem da saudade da

infância ou da adolescência a fim de que todos observassem juntos como se daria o tratamento desse tema nos poemas atuais.

Terminada a “discussão”, muito rápida por sinal diante da importância de se falar mais dessas obras, o professor iniciou uma exposição sobre a relação Escritor-público, porém percebeu-se que ele não deixou muito espaço para que os alunos participassem da discussão, visto que, quando um aluno antecipa a ideia da intencionalidade do autor ao produzir um texto, o professor não lhe dá ouvidos, e depois de um tempo acaba falando da intencionalidade. A partir disso, pode-se inferir que existe uma sequência estipulada e condicionada pelo livro didático para as aulas que não pode ser alterada, a participação do aluno ao invés de estimulada acaba sendo menosprezada pelo profissional.

Nas aulas do professor B, nas turmas de segundo ano, em momento algum foi observado o trabalho com a obra literária, apenas com atividades e textos sobre o Romantismo bem como a biografia dos autores dessa escola literária. Iremos nos deter mais nesses assuntos no próximo tópico.

### **1.3- ATIVIDADES REALIZADAS**

O professor A trouxe uma atividade do LD (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p.24) que consistia na análise, após uma discussão, de dois poemas: “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu e “E com vocês a modernidade” de Antônio Cacaso. O livro didático usou essas obras para mostrar a diferença entre a obra romântica e a obra contemporânea. E apesar de trazer os dois poemas fragmentados, o exercício proposto traz perguntas interessantes, com o objetivo de fazer com que os alunos entendessem a diferença e também atentassem às semelhanças entre essas duas escolas literárias, partindo da obra. Porém a forma como o professor trouxe para os alunos este exercício não foi interessante, pois restringiu sua correção a perguntas e respostas, muitas vezes respondidas pelo próprio professor. Além disso, ele poderia ter trago para a turma um poema mais atual, que partisse da realidade dos alunos para comparar com o de Cacaso, já que alguns alunos, como já foi dito, não o consideraram atual, tanto pela época em que viveu o autor, como pela expressão “choram cavaquinhos” que eles não entenderam.

Já o professor B, realizou quatro atividades com a turma. Na primeira atividade, baseada no Romantismo, pedia-se que o aluno trouxesse para a sala de aula o resumo oral de um filme de sua escolha, em que o enredo transmitisse um sentimento que lembrasse o

Romantismo, verbalizado pelo aluno após o resumo. Além disso, ficou estipulado que o aluno que não trouxesse um filme repetido pelos outros, receberia um visto a mais.

Percebe-se que essa atividade não tem relevância pedagógica alguma, primeiro por que o trabalho com literatura deve partir da obra literária, ela não pode ser substituída por músicas, filmes, etc.; segundo, por que, por causa da falta de instruções, muitos alunos acabaram atribuindo ao Romantismo apenas a ideia do amor, quando na verdade as obras românticas trazem sentimentos pátrios, de tristeza, de saudade etc.; e terceiro, pois, como não foi explicado o intuito da atividade, notou-se que durante as apresentações os alunos realizaram tarefa proposta sem entender ao certo para que serviria. E quando iam confrontar o sentimento do filme trazido com o Romantismo não sabiam o fazer.

A segunda atividade trazida pelo professor B foi a realização de um trabalho em grupo sobre a biografia dos autores das gerações do Romantismo em Portugal: Almeida Garret, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco. Nas instruções dadas para realização da atividade pedia-se que os alunos entregassem uma parte escrita e realizassem a apresentação de seu trabalho, que traria tanto dados da vida pessoal dos autores, como da vida política e social. Definitivamente não foi dada prioridade às obras desses artistas, e o estudo de literatura, de uma análise crítica de textos literários, passou a ser palco de biografias desnecessárias. Cabe ressaltar que, pesquisar sobre a vida de um autor ganha importância quando se está trabalhando sua obra naquele momento (o que não aconteceu nessa situação), mas o texto literário sempre deve estar em primeiro lugar.

Interessante notar que intuitivamente alguns alunos acabaram trazendo poemas em suas apresentações, mesmo de maneira discreta, mas nada comentaram deles por obviamente não terem uma base de aprendizagem em que se apelar.

Uma terceira atividade foi realizada em sala e novamente em grupos: foi entregue um pensamento do pensador inglês Lord Byron para que os grupos escrevessem um texto comparativo com o Romantismo. E o professor pediu que ao escrevê-lo os alunos usassem os dez tipos de substantivos vistos nas aulas de gramática. Percebe-se a partir disso, uma tentativa de unir o estudo da gramática à literatura, mas trata-se de uma tentativa mal executada tendo em vista que, fazer com que os alunos leiam um texto já pensando na classe gramatical que irão usar é no mínimo incoerente, tanto com o estudo de língua tanto com o de literatura.

Na quarta atividade, O professor B pediu que a turma fizesse um resumo de uma parte do livro didático (CEREJA; MAGALHÃES, p.42) que mostrava o que era a novela passional, gênero em que Camilo Castelo Branco teve grande destaque. O livro didático também trazia uma sugestão de um filme baseado em uma novela passional “Amor de perdição”, mas não foi usado pelo professor. A realização dessa atividade acabou tomando um bom tempo da aula, provavelmente o professor a utilizou com a finalidade de que os alunos, através do resumo, decorassem as características desse gênero. Mas sabe-se que só se aprende as características de qualquer gênero, seja ele literário ou não, lendo ou produzindo-os. O professor, neste caso, não precisaria descartar totalmente o livro didático, ele poderia ter sugerido para a turma a leitura da obra “Amor de perdição” (ao invés de biografias, como visto acima) e o aluno passaria a entender, através da leitura, as diversas possibilidades de interpretação da obra e a partir dela entender e até questionar o texto trazido pelo LD.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no que foi exposto e na análise realizada, os resultados demonstraram que, tanto o professor A quanto o professor B não realizaram um trabalho satisfatório da literatura em sala de aula, pois ambos priorizaram o livro didático como único material em suas aulas e não trabalharam efetivamente os textos literários, que deveriam ser a base das aulas de literatura.

Além disso, a maioria das atividades visualizadas não possuía grande relevância pedagógica e nem contribuía para o estudo de literatura, com poucas exceções como a do professor A, que trazia dois poemas para introduzir aos alunos a questão das escolas literárias, mas essa mesmo assim teve falhas em sua realização por trazer um dos poemas fragmentado e por não trazer um poema mais atual.

A partir desses resultados, percebe-se que é de extrema importância que haja uma mudança nas aulas de literatura, a começar pelos livros didáticos, levando em consideração que esses materiais são muito utilizados pelos professores. E que o profissional de letras mude sua postura em relação à literatura, saindo do comodismo de trabalhar somente aquilo que o LD traz, buscando, assim, novos textos de acordo com escolhas baseados nas características e no nível de seus alunos.

## **REFERÊNCIAS**

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BATISTA, Amanda Penalua. **Uma análise da relação Professor e o livro didático**. Bahia, 2011.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens 1**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens 2**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (Org.). **Saberes em português: ensino e formação docente**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.
- PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Coordenadoria do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias** / Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral). João Pessoa: 2006.